

**EVANGELHO DE MATEUS 12.1-8:  
SEGUNDO A PERSPECTIVA NARRATIVA**

**Beatriz Pereira de Santana<sup>1</sup>**

**RESUMO**

Este artigo se propõe a analisar o capítulo 12, versículos 1 ao 8 do evangelho de Mateus à luz da teoria narrativa de Robert Alter (2007) e Marguerat e Bourquin (2009). Considerando-se que a escritura sagrada, a Bíblia, pode ser lida como um texto literário, busca-se verificar a narratividade da passagem bíblica citada, bem como identificar o tema abordado. Para tanto, procura-se reconhecer quais são os elementos narrativos constituintes dessa passagem textual do livro sagrado, entre eles: narrador, personagem, tempo, cenário e enredo. A partir da análise desses elementos, é possível identificar e reconhecer a intenção narrativa desse fragmento bíblico.

**Palavras-chave**

Evangelho de Mateus; Narratividade Bíblica; Teoria Literária.

**ABSTRACT**

The present article proposes to analyse chapter 12, versicles 1 to 8 from the Gospel of Saint Matthews highlighted by the narrative theory of Robert Alter (2007) and Margaret e Bourquin (2009). Considering that the Bible can be read as a literary text, the idea is to search for the narrativeness in the above mentioned biblical passage, as well as to identify the approached theme. In order to do so, we mean to recognize which narrative elements constitute such textual passage in the sacred Book, among them: narrator, character, time, scenery and plot. From the analysis of such elements, it is possible to identify and recognize the narrative intention of such biblical fragment.

**Key words**

Gospel of Saint Matthews; Biblical Narrativeness; Literary Theory.

---

<sup>1</sup>Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), onde atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras.

### Texto bíblico: Mateus 12.1-8<sup>2</sup>

1 Por aquele tempo, em dia de sábado, passou Jesus pelas searas. Ora, estando os seus discípulos com fome, entraram a colher espigas e a comer.

2 Os fariseus, porém, vendo isso, disseram-lhe: Eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer em dia de sábado.

3 Mas Jesus lhes disse: Não lestes o que fez Davi quando ele e seus companheiros tiveram fome?

4 Como entrou na Casa de Deus, e comeram os pães da proposição, os quais não lhes era lícito comer, nem a eles nem aos que com ele estavam, mas exclusivamente aos sacerdotes?

5 Ou não lestes na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa? Pois eu vos digo:

6 aqui está quem é maior que o templo.

7 Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos, não teríeis condenado inocentes.

8 Porque o Filho do Homem é senhor do sábado.

### Introdução

Buscando contribuir para os estudos acerca da Bíblia, o presente artigo consiste na análise de um texto do evangelho de Mateus à luz da teoria literária, fundamentando-se especialmente em Marguerat e Bourquin (2009) e Alter (2007), pesquisadores especialistas em narrativas bíblicas. Para análise, este artigo apresentará um recorte do evangelho de Mateus, o qual estabelece como *corpus* a ser examinado o capítulo 12, versículos 1 ao 8. O texto escolhido faz parte da Bíblia Sagrada, segunda edição revisada e atualizada e tradução de João Ferreira de Almeida, publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil.

Delimitada a parte do evangelho de Mateus a ser estudada, é importante ressaltar, antes de se avançar neste estudo, que se pretende olhar para o texto sagrado como um texto “literário”, isto é, não se pretende – aqui – se valer de conceitos teológicos e dogmáticos, apesar de “A Bíblia hebraica [é] ser geralmente lida, com muita justiça, como história sagrada [...] (ALTER, 2007: 44).

Embora, num primeiro instante, analisar a história sagrada sob as perspectivas das teorias narrativas, as quais são comumente aplicadas à prosa de ficção, possa parecer um

---

<sup>2</sup> Versão utilizada: BÍBLIA Sagrada. 2. ed. Revista e atualizada no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

destemor, ou até mesmo um desrespeito à presença onipotente, onisciente e onipresente de Deus,

[...] é importante levar em conta a existência de uma base comum às duas modalidades de narrativa (a histórica e a ficcional), tanto do ponto de vista formal como do ontológico [...] É evidente que essas duas atividades literárias compartilham toda uma gama de estratégias narrativas e que o historiador se aproxima do autor de ficção por empregar – como de certa maneira ele é obrigado a fazer – uma série de construções imaginativas (ALTER, 2007: 45).

Observadas às considerações de Alter, por mais estranho que pareça, a semelhança nas estruturas narrativas entre as escritas literárias e a escritura sagrada, permite analisar a Bíblia enquanto texto literário, já que o que diferencia uma da outra é a finalidade: o texto bíblico busca ensinamento religioso; o texto ficcional, o entretenimento.

Segundo Ferreira,

[...] no caso específico da Bíblia, e particularmente das narrativas bíblicas, [...] dizer que são “literatura” implica o reconhecimento que elas guardam certa relação de proximidade/distância com a realidade, nunca sendo mera transcrição desta, pelo contrário, representando-a e buscando transformá-la por intermédio das histórias narradas. Isso se dá, no plano formal, mediante a utilização de estratégias literárias que definem o caráter estético e retórico junto aos leitores (2008: 6).

A partir disso, pretende-se, como objetivo geral, identificar a narratividade do capítulo 12, v.1-8, do evangelho de Mateus; e como objetivo específico, reconhecer a temática tratada no *corpus* selecionado.

## **Narratividade**

Contar histórias é considerado um dos mais antigos hábitos da humanidade. Afinal, é por meio da narração que o homem tem desde os seus primórdios, de maneira oral ou escrita, relatado fatos e historiado acontecimentos.

Sabem-se, portanto, que os elementos de composição da narratividade não fazem parte das teorias literárias recentes. Pelo contrário, neste campo de estudo talvez seja esta uma das teorias mais antigas utilizada para a análise dos mais diversos gêneros textuais, sejam estes literários ou não, já que por muitos anos, antes do desenvolvimento da análise

do discurso, foi por meios destes fundamentos teóricos que se explorou a “intenção do dizer” e o “significado” dos mais diversos textos.

Para Marguerat e Bourquin,

[...] a análise narrativa mistura ainda o velho e o novo. Mais de um conceito remonta ao mais antigo dos especialistas da narrativa, um filósofo grego do século IV a.C., Aristóteles. **Seu tratado da *Poética* assenta as bases teóricas às quais voltaremos constantemente. Lá, pela primeira vez, vemos estudado o fenômeno da narratividade [...]** (2009: 13, grifo nosso).

Consolidada como uma das teorias mais importante para uma análise textual, nota-se que os estudos acerca da narratividade são constantemente revisitados por teóricos contemporâneos, como por exemplo, Daniel Marguerat e Yvan Bourquin, e Robert Albert, que publicaram obras relacionadas à narrativa bíblica.

Segundo Marguerat e Bourquin,

[...] A narratividade é o conjunto das características que fazem de um texto uma narrativa, diferente do discurso ou da descrição. Os traços narrativos, pelos quais se identifica um relato (digamos provisoriamente: conta-se uma história), diferenciam-se dos traços discursivos, pelos quais se identifica um discurso (que interpela diretamente o destinatário) (2009: 13).

Sabe-se que há diversas maneiras de se contar história, assim como há muitos modos de se contar a mesma história. A distinção é percebida no modo como o texto se organiza, isto é, no jeito como o texto se constrói. Dessa forma, narrar – fato real ou não – implica criação, como afirma Umberto Eco (apud MARGUERAT; BOURQUIN, 2009: 28), “penso que para contar é preciso antes de tudo construir um mundo, o mais mobiliado possível, até nos menores detalhes”.

Assim, a narratividade só pode ser criada a partir da composição de um conjunto de elementos: narrador, enredo, personagem, tempo e cenário, os quais serão descritos a seguir.

## *Narrador*

Segundo Fiorin e Platão:

Há dois modos básicos de narrar: ou o narrador introduz-se no discurso, produzindo-o, então, em primeira pessoa, ou ausenta-se dele, criando um discurso em terceira pessoa (2006: 138).

Diante disso, nota-se que o narrador assume um papel importante diante do fato contado e torna-se, portanto, um dos componentes principais da narrativa, já que é através do ponto de vista dele, “[...] a **voz** que guia o leitor na narrativa (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009: 25, grifo do autor), que o leitor conhecerá a história a ser narrada, já que “narrar em terceira pessoa ou em primeira pessoa são os dois pontos de vistas fundamentais do narrador” (FIORIN; PLATÃO. 2006: 138).

Percebe-se, então, que o foco narrativo apresenta-se de duas maneiras. A primeira traz um narrador personagem em terceira pessoa do plural ou singular (ele, ela, eles, elas), que é conhecedor de tudo que se passa na história, até mesmo os pensamentos e sentimentos dos personagens, podendo, algumas vezes, participar de alguns fatos e observar outros. A segunda maneira apresenta um narrador em primeira pessoa do singular (eu) ou do plural (nós).

Logo, o narrador pode se situar no exterior ou interior da história contada, ou seja, ser narrador presente ou narrador ausente. Se ele está de fora falaremos de instância “extradieética”. [...], no caso, de o narrador estar dentro da narrativa, falaremos de instância “intradieética” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009: 39).

Em complementação a esse pensamento, Marguerat e Bourquin afirmam que:

O narrador pode decidir não dissimular sua presença no nível da narrativa; sua intrusão pode, nesse caso, assumir duas formas. No primeiro caso, ele relata os acontecimentos em que não intervém e não figura [...]; diremos que ele é *heterodieético*. Mas acontece de o narrador se fazer presente na história que ele conta, afirmando-se assim, como *homodieético* (2009: 40).

Assim, têm-se as posições do narrador no nível da história contada, segundo as definições de Marguerat e Bourquin:

No nível de intervenção do narrador

**Extradiegético:** Externo à história contada (narrador primeiro).

**Intradiegético:** Interno à história contada (narrador segundo).

No nível de relação do narrador com a história contada

**Homodiegético:** diz-se do narrador presente na história que ele conta.

**Heterodiegético:** Diz-se de um narrador ausente da história que ele conta (2009: 40).

Observa-se a partir desse estudo de Marguerat e Bourquin, que um texto pode ter além de um narrador primário, um narrador secundário. No caso do texto bíblico, essa alternância narrativa é comum, como veremos a partir da análise do texto aqui em estudo, no qual se verifica a alternância entre narrador primário e o narrador secundário, que são respectivamente Mateus e O Filho do Homem.

### *Personagem*

São chamadas de personagens as pessoas que participam do enredo. Nas narrativas, em geral, as personagens são classificadas em protagonistas, antagonistas e figurantes.

Marguerat e Bourquin afirmam que:

Os protagonistas desempenham um papel ativo na intriga e situam-se em primeiro plano. Entre os protagonistas: o herói que vem como salvador; o rei que põe em marcha seu exército, o doente que sai à procura de um curandeiro. Ao inverso dos protagonistas, os figurantes se limitam a compor pano de fundo, podendo ser individuais ou coletivos: uma multidão, um habitante, um transeunte (2009: 77).

Vê-se necessário aqui ressaltar que diferentemente das teorias já existentes, Marguerat e Bourquin (2009) não trazem a classificação de antagonista, aquela personagem que se defronta com o protagonista. Apesar disso, na análise do *corpus* proposto como estudo deste artigo, se necessário, será considerada essa classificação tão consolidada e conhecida no meio dos estudos sobre narração.

Há ainda, segundo esses autores, o personagem cordão: “personagem simples desempenhando um papel menor (ou único) no desenvolvimento do enredo. Acrescentam ainda, personagem redondo, plano e bloco que classificam respectivamente como figura construída com a ajuda de vários traços: “[...] assume frequentemente um papel de

protagonista na narrativa; figura resumida em um só traço; personagem que conserva um papel invariável ao longo da narrativa toda ou da macronarrativa”.

No texto bíblico (Mateus 12.1-8), observa-se a presença de três personagens: o Filho do Homem (Jesus), o protagonista; os fariseus, os antagonistas; e os discípulos, os figurantes.

### *Tempo narrativo*

Genette (apud MARGUERAT; BOURQUIN, 2009: 107),

[...] distingue, a esse respeito [o tempo na narrativa], quatro tipos de narração: *ulterior* (posição clássica da narrativa no passado), *anterior* (narrativa prenunciativa do futuro), *simultânea* (narrativa no presente, contemporânea da ação) e *intercalada* (narrador situado entre os momentos da narração) (grifo do autor).

Sabe-se, diante disso, que numa narrativa o narrador pode se posicionar de várias maneiras diante do tempo dos fatos, narrando no mesmo tempo do acontecimento – tempo presente; no tempo em que tudo já aconteceu, narrando os fatos no tempo passado; ou ainda, numa espécie de flash-back, em que se alterna o presente e o passado. O tempo narrativo é, assim, determinado a partir do ponto em que se situa o narrador. Essa articulação temporal cria efeitos de sentido diferentes no texto, tornando-o mais ou menos objetivo ou subjetivo.

No texto do evangelho aqui em estudo, percebe-se a narrativa simultânea, uma vez que a história é contada no tempo presente contemporâneo ao fato e o narrador.

### *Cenário*

Entende-se cenário como a ambientação da narrativa, isto é, o meio físico e social em que se desenvolve a ação das personagens. Sendo assim, o cenário apresenta todos os outros elementos da narrativa e constitui-se deles para existir. Segundo Ferreira (2009):

Quanto aos cenários, é preciso estabelecer que eles exercem duas funções. Inicialmente situam a narrativa no espaço. Com isso, trazem para a história aspectos da *mimesis*, uma vez que o cenário em geral

aponta para um lugar real. [...] no caso dos relatos bíblicos ele, em geral, terá uma referência histórica. Não podemos nos enganar concluindo que essa é sua função principal. Não é. O papel primordial do cenário será encontrado na economia narrativa. **Em outras palavras, ele será percebido segundo o papel que desempenha na história e na relação com os demais elementos** (grifo nosso).

Nesse sentido, é por meio do cenário que se pode identificar o período histórico e o espaço em que se passa a história relatada. Considerando-se que no texto aqui estudado, o cenário é o campo de cereais em tempo de colheita, pode-se dizer que o fato narrado ocorre no verão.

### *Enredo*

Para que exista uma narrativa, é necessário que haja um enredo. Para Marguerat e Bourquin (2009: 56), enredo é “essa estrutura unificadora que liga as diversas peripécias da narrativa e as organiza em uma história contínua. O enredo assegura a unidade de ação e dá sentido aos múltiplos elementos da narrativa”.

Assim, o enredo é a própria estrutura narrativa, que Marguerat e Bourquin (2009: 58-59) definem como:

Situação inicial (ou exposição) fornece ao leitor os elementos de informação necessários para compreender a situação que a narrativa vai modificar. Essa exposição explicita quem, o que e (às vezes) o como.

Complicação (ou nó) constitui o desencadeamento da ação. É aqui, geralmente, que começa a tensão dramática. O detonador pode ser o enunciado de uma dificuldade, de um conflito, de um incidente, de um obstáculo, à solução de um problema.

Ação transformadora visa à liquidação da dificuldade ou da falta, ou da perturbação anunciada pela narrativa.

Desenlace é a etapa simétrica do nó. Ele enuncia a resolução do problema anunciado. Descreve os efeitos da ação transformadora sobre as pessoas em questão ou a maneira como se restabelece a situação em seu estado anterior.

Situação final expõe o reconhecimento do novo estado (após a eliminação da dificuldade) ou o retorno ao normal (após o desaparecimento da perturbação).

Diante disso, pode-se afirmar que o enredo envolve um conflito que será ou não resolvido ao longo da história vivida pelas personagens, num determinado tempo e espaço.

### **A narratividade do evangelho de Mateus (12.1-8)**

A palavra evangelho é dicionarizada, na maioria dos dicionários, como doutrina divina e como os quatro livros principais do Novo Testamento. Entretanto, observado o evangelho enquanto livro bíblico, nota-se que este apresenta forma literária semelhante ao de uma biografia greco-romana, uma vez que este retrata a vida terrena de Cristo, isto é, retrata a história de Jesus de Nazaré desde o seu nascimento, durante sua atividade pública como pregador e aquele que curava, até sua morte e ressurreição .

O evangelho de Mateus é o primeiro de quatro textos que juntos compõem parte do Novo Testamento. Esse texto bíblico relata detalhadamente parte da vida terrena de Jesus. Um relato contínuo e detalhado pode ser percebido ao longo de todo o percurso do capítulo 12, no qual se apresentam sucessivamente cenários diversos e ações diversas que tratam, porém, da mesma temática: o descanso no sábado.

Essa continuidade temática, por vezes, chegou a suscitar dúvidas no momento de delimitar o *corpus* aqui escolhido, já que ora se via a possibilidade de delimitar o trecho escolhido para análise entre o versículo 1 e 8, ora entre 1 e 12.

Após detalhada leitura, decidiu-se pelo fragmento do versículo 1 ao 8, por considerar que a partir deste constitui-se uma nova cena, já que há um novo cenário, como pode se observar no trecho sublinhado: “Porque o Filho do Homem é senhor do sábado. (v.8)/ Tendo Jesus *partido dali, entrou na sinagoga* deles. (v. 9).

Delimitado o *corpus*, buscou-se identificar narrador, personagens, tempo narrativo, cenário e enredo como pode ser observar a partir dos itens a seguir.

#### *Narrador e personagens*

Observar a maneira como Mateus expõe o acontecimento e de que maneira o evangelista conduz o leitor nessa narrativa é importante para compreender a história que se apresenta no capítulo 12.1-8. Mateus é o narrador que não aparece ao longo do texto sob a forma de um eu. No entanto, ele está pressuposto, na medida em que se sabe que os

evangelhos recebem o nome de seu narrador. Dessa forma, entende-se que Mateus é um narrador extradiegético e heterodiegético, isto é, ao mesmo tempo narrador primeiro e ausente da história que relata.

Ao dar a voz a Jesus, Mateus transfere a ele o papel de narrador. Jesus assume então o papel de narrador segundo, intradiegético, aquele que é interno à história contada, aquele a quem também podemos chamar de narrador personagem. Ser narrador personagem é, portanto, também homodiegético, uma vez que está presente na história em que Ele próprio relata.

O narrador, o Filho do Homem, é também o personagem principal, o protagonista. Esse narrador opõe-se aos fariseus que são, ao mesmo tempo, antagonistas e bloco, já que não se constituem de um único ser, mas de um conjunto de fariseus. É possível considerá-los como antagonistas porque é entre Jesus e fariseus que se instaura a tensão narrativa.

Já os discípulos aparecem apenas como personagens figurantes e bloco. Eles são apenas o motivo desencadeador da tensão entre Jesus e os fariseus.

### *Tempo*

É possível identificar dois tempos na passagem bíblica Chamaremos aqui de primeiro tempo: o tempo da ação. O segundo tempo, nomearemos de tempo da narrativa. O primeiro pode ser identificado por meio do emprego do pronome “aquele” a direita da palavra “tempo” que causa efeito de advérbio de tempo passado e por meio dos verbos no pretérito: “Por *aquele tempo*, em dia de sábado, *passou* pelas searas. Ora, estando os seus discípulos com fome, *entraram* a colher espigas e a comer” (v. 1).

Diante disso, tem-se uma narrativa intercalada, que começa a relatar a história no tempo passado, mas que apresenta o diálogo daquela história passada no tempo presente, como demonstram os verbos em destaque no fragmento abaixo:

- (2) Os fariseus, porém, *vendo* isso, disseram-lhe: *eis* que os teus discípulos *fazem* o que não é lícito fazer em dia de sábado.
- (3) Mas Jesus lhes *disse*: Não *lestes* o que fez Davi quando ele e seus companheiros tiveram fome?

A narrativa intercalada dá mais veracidade à história relatada, uma vez que mostra a fala dos personagens sem alteração, sem modificação. Não há reprodução do diálogo. Há o

diálogo na íntegra. Além disso, nota-se que há uma presentificação do trecho “Porque o Filho do homem é senhor do sábado”. O emprego do tempo presente aqui equivale a um tempo durativo, isto é, passado, presente e futuro, ou seja, a ideia de eternidade, para todo o sempre. O mesmo pode ser observado no fragmento “aqui está quem é maior que o templo” (v. 6).

### *Cenário*

No que se refere ao cenário, é possível observar que é apresentado ao leitor no primeiro momento da narrativa por meio de apenas uma palavra: “searas”, como nos demonstra o primeiro versículo: “Por aquele tempo, em dia de sábado, passou Jesus pelas searas” (v. 1). A ambientação de fato ocorrerá na sequência deste mesmo versículo, quando o narrador nos conta que “Ora, estando os seus discípulos com fome, entraram a colher espigas e a comer”. Os termos *colher espigas* e *comer* é que nos remetem, a partir do nosso conhecimento de mundo, ao reconhecimento de que se trata de um campo de cereais, cenário em que ocorrerá o diálogo entre Jesus e os fariseus.

Dessa forma, são os termos searas, colher, espigas e comer que juntos possibilitam a caracterização e apresentação do cenário do capítulo 12, versículo de 1 a 8 do evangelho de Mateus. Nota-se, portanto, que há uma revelação, ainda que rápida, gradual do cenário no qual ocorre a narrativa.

Além disso, sabemos que este diálogo ocorre num sábado, em tempo de colheita de frutos maduros, pois estavam prontos para serem comidos, o que permite identificar a estação do ano: verão.

### *Enredo*

Mateus 12.1-8 inicia-se com os discípulos de Jesus colhendo espigas, num sábado, para saciar a fome. Diante da situação apresentada os fariseus criticam a ação dos discípulos para Jesus, que responde à crítica dos fariseus com fortes argumentos, entre eles “[...] o Filho do Homem é o Senhor do sábado” (v. 8). Assim, o primeiro versículo apresenta a situação inicial, exposição dos fatos: “Por aquele tempo, em dia de sábado,

passou Jesus pelas searas. Ora, estando os seus discípulos com fome, entraram a colher espigas e a comer”.

A exposição dos fatos sofre então uma tensão a partir do segundo versículo, quando os fariseus comentam com Jesus que os discípulos agem ilicitamente.

Para os fariseus, trabalhar aos sábados é proibido, trata-se de um ato ilegal. Dessa forma, as ações dos discípulos são, por eles, entendidas como uma colheita, como um trabalho realizado no sábado. Daí o protesto por parte dos fariseus.

É esse entendimento dos fariseus que gera o “nó” da história, tornando-se o elemento complicador da narrativa na história: “Os fariseus, porém, vendo isso, disseram-lhe: eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer em dia de sábado” (v. 2).

Na sequência do texto, mais especificamente do terceiro ao sexto versículos, nota-se que a fala de Jesus desencadeia uma ação transformadora, a qual busca justificar o ato dos discípulos:

Mas Jesus lhes disse: Não lestes o que fez Davi quando ele e seus companheiros tiveram fome?

Como entrou na Casa de Deus, e comeram os pães da proposição, os quais não lhes era lícito comer, nem a ele nem aos que com ele estavam, mas exclusivamente aos sacerdotes?

Ou não lestes na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa? Pois eu vos digo: aqui está quem é maior que o templo (v. 3-6).

Vê-se, portanto, que o olhar de Jesus para a ação de colheita praticada pelos seus discípulos naquele momento não é o mesmo olhar dos fariseus. Jesus não só considera o ato de colher como lícito, mas também como justo, uma vez que eles buscavam saciar a fome e não trabalho. Esse olhar é evidenciado no sétimo versículo, o qual apresenta o desenlace dessa narrativa bíblica: “Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos, não teríeis condenado inocentes”.

Nota-se a partir deste trecho que para Jesus seus homens apenas saciavam a fome, sendo necessário, portanto, neste caso, ter misericórdia, compaixão e benevolência com os discípulos.

O desfecho da narrativa acontece no oitavo e último versículo do texto aqui proposto para análise: “Porque o Filho do Homem é Senhor do sábado”.

Diante da situação final apresentada, é possível entender que há uma certa preocupação de Jesus em relação ao entendimento da ação dos discípulos pelos fariseus, uma vez que se nota uma nuance de autoritarismo na fala de Jesus: “O Filho do Homem é o Senhor do sábado”. Parece existir uma dúvida sobre a verdadeira compreensão da necessidade de misericórdia e benevolência dos fariseus para com os discípulos famintos. Assim, o autoritarismo da fala do Filho do Homem tem o propósito de encerrar qualquer questionamento acerca do fato da colheita de seus discípulos em um sábado.

Entende-se, dessa forma, que a partir desse último versículo, caso os fariseus não percebam a importância da misericórdia, devem aceitar que se o filho de Deus não julga o ato da colheita aos sábados proibido, portanto, os discípulos agiram de forma ilícita.

Observa-se, diante disso, que a preocupação específica do evangelho de Mateus, segundo Bergant e Karris (1999: 11), é “[...] identificar Jesus de Nazaré dentro das tradições do povo escolhido de Deus e mostrar como esse mesmo Jesus quebrou os laços dessas tradições e levou-as à concretização.” Diante disso, percebe-se que para Jesus a tradição não pode servir à prática do pecado. Descansar aos sábados é tradição judaica. Entretanto, essa tradição não pode ser rígida ao ponto de impedir de saciar a fome daqueles que a têm.

É, portanto, necessário saber discernir entre o ato de colher espigas para o trabalho e colher espigas para conter a fome. O primeiro voltado para a prática comercial visa o lucro, o segundo para o alimento próprio visa saciar a fome, sobreviver. A “quebra dos laços” aqui pode ser entendida como a percepção humanitária de Jesus, o Filho do Homem, já que uma boa ação não pode esperar até depois do sábado.

## **Conclusão**

A tensão estabelecida entre fariseus e Jesus está no sentido que cada um deles dá à palavra “colher” naquele momento. Para os fariseus, colher tinha o sentido de arrancar e debulhar os grãos. Logo, equivalia a trabalho, ato proibido para um sábado, o dia do descanso. Assim, os discípulos cometiam com aquele gesto um ato pecaminoso, desonrando o sábado.

Diferentemente disso, para Jesus, conhecedor da fome de seus discípulos, “colher” ali não era pecado, uma vez que significa saciar a fome. Tratava-se, portanto, de uma ação

misericordiosa, pois salvava a vida daqueles que tinham fome. Liberar o sábado àqueles que tinham necessidade significava fazer o bem.

Percebe-se, diante disso, que o evangelho de Mateus busca conscientizar, neste capítulo, a importância da benevolência no coração de um indivíduo e a importância do discernimento, uma vez que a tradição cultural de um povo não pode sobressaltar as leis de Deus – o bem, isto é, determinados costumes culturais não podem servir à prática pecaminosa – o mal. Não há dia pré-determinado para se fazer o bem. O bem deve ser praticado todos os dias, todas as horas. Constantemente.

### **Referências bibliográficas**

ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BÍBLIA Sagrada. 2.ed. Revista e atualizada no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

FERREIRA, J. C. L. *A Bíblia como literatura: lendo as narrativas bíblicas*. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio13/a-biblia-como-literatura-lendo-as-narrativas-biblicas/>> Acesso em: 28.05.2010.

FIORIN; José Luiz; PLATÃO, Francisco. *Para entender o texto: leitura e redação*. 16.ed. São Paulo: Ática.

KARRIS, Robert J. *Comentário bíblico*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciando à análise narrativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

RYLE, J.C. *Meditações no evangelho de Mateus*. São Paulo: Fiel, 1991.